

# O COMUNISTA

ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO  
GRUPO EDITOR DO COMUNISTA



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOAQUIM RODRIGUES

Redacção e Administração:  
RUA DO CONDE DAS ANTAS, 51 r/o

Composição e Impressão  
TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 35 - LISBOA

## O SIGNIFICADO DE 13 DE FEVEREIRO

Éis uma data que convém fixar.

No momento em que melhor se patenteia a desagregação das forças políticas do regime, dilaceradas por lutas intestinas, confesadamente incapazes de encontrarem solução para a crise económica em que mergulha o país, e o proletariado de Lisboa, abandonando o trabalho, afronta a chuva e o vento e vai numa massa composta de 50.000 pessoas até Belem, para dizer ao chefe do Estado que voria com desgosto e ascensão ao poder das forças parlamentares das direitas, serventarias da União dos Interesses Económicos.

Belo e significativo gesto, na verdade, de que alguns grupos pretendem tirar proveito. Esse gesto, essa manifestação é exclusivamente do proletariado, dele só, que, sem exclusão de tendências, com o sentimento vivo dos perigos que o cercam, se apresenta unido, num só bloco, como classe distinta, que tem o seu papel historico a desempenhar.

O gesto de 13 de Fevereiro provou que o proletariado pode, se quiser, conduzir um grande movimento de massas e dar o assalto ao poder.

Mas para que ele se disponha a tomar o poder em suas mãos em vez de mendigar aos governos burguezes, da direita ou da esquerda, que atendam as suas reclamações, é indispensavel que ele tenha um programa de governo, um programa de realidades e não de fantasias, um programa que interesse á grande maioria da população.

É preciso vêr apenas Lisboa e não vêr o país para supôr que o proletariado constitue a maioria da população. Metade da nossa população, pelo menos, é composta de pequenos proprietarios e rendeiros que trabalham a terra por suas mãos numa luta exaustiva do todos os dias, massa com a qual o proletariado não tem o menor interesse em malquistar-se antes, pelo contrario, tudo deve fazer para a chamar a si.

No novo estado de coisas a estabelecer o proletariado deve ser a classe dominante e directora mas para exercer este dominio e direcção, ele precisa de contar com o apoio da grande massa dos camponeses. Por consequencia, o eixo de todo o dominio do proletariado deve ser a adopção duma boa politica agraria que lhe conquiste a simpatia e confiança dos pequenos camponeses.

Que é preciso fazer para conquistar esta enorme massa de camponeses, actualmente explorados pelos grandes proprietarios, pelo fisco, pelos prestamistas e intermediarios de toda a ordem?

Menos impostos, rendas mais moderadas, facilidades de credito, fornecimentos de adubos, sementes, alfaias, gados, etc. a bons preços e a prazo. É preciso não hesitar na concessão destes beneficios ou garantias a menos que se suponha que é possível governar contra a vontade e os interesses da população que é, afinal, o que sucede presentemente mas, por isso mesmo, se vê que vivemos numa situação insustentavel que terá de derruir infalivelmente, sejam quais forem os esforços que se empregarem em sentido contrario.

Mas, por outro lado, se é impossível governar contra a vontade e os interesses da maioria, é evidente que a sorte desta não poderá melhorar sem ferir profundamente os interesses e os privilegios da minoria exploradora. É preciso, pois, combatermos com a guerra declarada, irreconciliavel da classe previligiada.

Ha tambem os pequenos industriaes e comerciantes que, entre nós, país de industria fragmentaria, com uma pronunciada importancia na economia nacional e exercem acentuada influencia nalguns centros urbanos. O proletariado não pode de modo algum eliminar com um traço de pena os milhares de pequenas officinas que enxaumam o país como não pode por um decreto substituir o pequeno comercio retalhista por um sistema completo cooperativista de distribuição.

Estas classes devem ser neutralizadas, pois nisto vai o interesse immediato do proletariado.

Nós supomos que a jornada de 13 de Fevereiro foi para todos nós, os chefes responsaveis, comunistas, socialistas, anarquistas, uma indicação. Para nós o proletariado de Lisboa quiz dizer no seu gesto: — *Estamos prontos, indicai-nos o caminho a seguir!*

É por assim o julgarmos que esquiçamos abaixo um programa de realisações, programa que, evidentemente, não é tudo o que nós desejaríamos mas simplesmente aquilo que consideramos possível e viavel para já.

Éis o programa:

1.º — Representação proporcional por classes, incluindo o exercicio e a marinha, em todas as corporações administrativas locais e no corpo legislativo.

2.º — Nacionalização das industrias bancaria, do seguro, da moagem, dos tabacos, dos fufeiros, dos transportes acceledados e do longo curso, sua organização em mãos do Estado com participacão dos operarios e empregados na administração.

3.º — Nacionalização da propriedade latifundiaria e da dos absenteeistas e sua divisão por familias camponesas, por cooperativas e sindicatos.

4.º — Monopolio do comercio exterior das materias primas e substancias alimenticias, pelo Estado, com o controle dos sindicatos operarios e cooperativas.

5.º — Redução das direitas aduaneiras para os generos da primeira necessidade a taxas meramente estatísticas.

6.º — Estabelecimento dum salario minimo fixado em função do preço das mercadorias.

7.º — Facilidades de credito ás cooperativas de produção e de consumo, aos pequenos agricultores, industriaes e comerciantes.

8.º — Estabelecimento dum subsídio a todos os desempregados equivalente a 50 % do salario normal.

9.º — Abertura de trabalhos publicos extraordinarios — estradas, caminhos de ferro, construcções escolares, casas economicas, etc.

10.º — Confiscação de 50 % das fortunas particulares superiores a 500 contos e duma percentagem proporcional regressiva até ás fortunas de 200 contos.

11.º — Creação da Liga de liquidação do analfabetismo, com recurso e patrocínio do Estado, para a extincção do analfabetismo nos individuos de 18 a 30 anos, pelos processos intensivos do ensino, e criação da Escola Unica do Trabalho, para os individuos até aos 18 anos, e correlativa assistencia medica e pharmaceutica, de vestuario e de alimentação.

12.º — Seguro social para a maternidade e a infancia, para a velhice e a invalidez.

## A sublevação de Hamburgo

Realizou-se ha poucos dias o julgamento dos comunistas que em Outubro de 1923 se sublevaram, apesando-se da cidade de Hamburgo que detiveram tres dias em seu poder.

A situação da Alemanha em fins de 1923 era desesperada e tudo fazia prever a revolução proletaria. Todos nós esperavamos isso. O P. C. A., dirigido por Brandler, não couseu vi-brar o golpe. E em vez da ordem de ataque foi o contrario que se comunicou a todas as cidades alemãs onde existiam forças comunistas.

Os nossos camaradas de Hamburgo, enganados por uma informação errada sobre o desenrolar dos acontecimentos em Saxe, tentaram a experiencia.

Éis como Victor Serge, num recente artigo de *La Correspondance Internationale*, relata os acontecimentos de Hamburgo, em Outubro de 1923.

— A mesma hora, sem uma tração, sem um engano, a mobilização nocturna exoutou-se. A mesma hora, conforme um plano, tão bem concebido como aplicado em todos os seus detalhes, a offensiva começou. Algumas centenas de operarios comunistas desarmaram os postos da policia e armaram-se eles proprios. Hamburgo desportou em poder dos *vermelhos*. Assim, provou-se que uma insurreição operaria, mesmo dispondo de meios muito rudimentares de armamento, mas conduzida com muito raciocinio e serenidade, pode, numa situação revolucionaria, apoderar-se duma cidade tão importante como Hamburgo, seguramente um dos melhores portos da Europa.

Trez dias inteiros, placidamente, os insurrectos mantem as suas posições. As tropas regulares invadiam a Saxe. Barricadado, os nossos camaradas de Hamburgo, sabendo já o que se passava, esperavam serenamente a ordem de retirar. A policia, a divisão naval, as tropas regulares enviadas contra os insurrectos não contidas em respeito. As centurias operarias, entretanto, na melhor ordem, transportando os seus feridos e os seus mortos — iniciam a sua defesa de homens — iniciam a retirada e de modo tal que se desmobilizam, ocultando as suas armas e escapando depois á repressão que se seguiu, a maior parte dos militantes e combatentes. E ainda aqueles que ha pouco passaram pelo tribunal foram detidos por denuncia e não apanhados com as armas na mão.

Assim, mesmo nas insurreições populares, a retirada em boa ordem é possível, como possível é guardar os feridos e as armas. Sim, mesmo nas insurreições populares, é possível desmobilizar sem panico e defender a liberdade dos combatentes.

No ponto de vista da organização e da estrategia, a victoria da insurreição de Hamburgo foi completa. O movimento, realizou-se na offensiva como na retirada, com a maior economia de forças. As suas perdas foram infimas. A insurreição de Hamburgo, por tudo isto, marca nos antipodas dos movimentos operarios, espontaneos e anarquicos.

## Propaganda comunista.

Amanhã, 1 de Março, realizam os nossos camaradas Abel Pereira e Antonio Monteiro uma sessão de propaganda em Coimbra.

Na segunda feira os mesmos camaradas falarão no Porto, o primeiro sobre *O comunismo, fins e meios*; o segundo sobre *O comunismo e a questão sindical*.

## E AGORA! POR QUE ESPERAMOS?

Nesta tarde de inverno, chuvas e fria, os jornais de Lisboa trouxeram-nos a nova de que o governo Domingues dos Santos esira no Parlamento.

Finalmente! Um parlamento composto na sua quasi totalidade de reaccionarios, achou oportunidade para derrubar o governo José Domingues dos Santos. Qual foi a causa imediata da queda do governo?

Esta coisa muito simples: o seu chefe opôs-se a que os soldados da guarda espingardassem o povo de Lisboa. Os factos, em toda a sua simplicidade, são estes.

Um governo radical estava no poder. A certa altura da sua vida governativa e no cumprimento do seu programa, teve que travar luta com os potentados da finança, do comercio e da lavoura.

O povo trabalhador da capital, com o seu precioso instinto de classe, que tantas vezes nele tem suprido a falta de educação revolucionaria, rejubilou com esta luta entre o Estado burguez e a parte mais poderosa da burguesia, prevendo o enfraquecimento dos dois contendores.

Sem apoiar propriamente o governo, formou a seu lado na luta contra os exploradores da sua miseria. Um dia, querendo materializar o seu protesto contra a attitude arrogante da U. I. E., vai em multidão junto do governo, para que esta ouça de perto a voz do povo. E o governo ouviu a voz do povo, e, lamos jurá-lo, o governo ficou contrariado com o que a voz do povo dizia.

Era o povo de Lisboa que ali estava? Era.

O insucesso e reaccionario *Diario de Noticias* afirmava serem muitos milhares de pessoas, isto é, quasi toda a população politicamente activa da cidade de Lisboa.

E o que dizia a cidade?

Segundo o depoimento não menos insucesso e não menos reaccionario de sr. Agalho Lança, a cidade de Lisboa não gritava como ha anos: *Viva a Republica!*, gritava sim, a plenos pulmões:

*Viva a Russia Vermelha!*  
*Viva a Revolução Social!*

A cidade de Lisboa não cantava já a «Portuguesa», vociferava a «Internacional».

E quem mais contrariado ficou com semelhante manifestação foi o chefe do governo. Disso estamos nós certos.

A burguesia não dorme, porém! Mãos desconhecidas (quem seria?) lançam uma bomba e disparam tiros contra a força publica. E o chefe do governo, valendo-se da autoridade que lhe dá o seu elevado cargo, impede que os soldados, caídos na raiocira armada por agentes provocadores, fuzilem a torto e a direito milhares de cidadãos indefezos.

E foi esta a causa imediata e directa da queda do governo.

Se elle tivesse mandado espingardear o povo, tê-lo-hiam louvado. Porque evitou uma terrivel colisão, de que poderiam resultar centenas de mortes, os seus proprios correligionarios (?), deturam-no a terra.

Isto é monstruoso, mas é assim! Chamam eis a isto defender o prestigio do exercito, chamam eis a isto o *brío militar!*

Canalhas! Nojentos laçacos, abjectos servidores da mais vil e hipocrita didactura de classe!

Cada vez nos revela mais franqueamente a imundície da vossa alma! Já não tendes pejo de acotitar, quando o nome anda na berra, e chorado

lugar, generosa gorgeta do patrão que actualmente servis!

E quando um chefe de governo impede, num gesto de humanidade, que irmãos matem irmãos, tendes ainda o arrojo supremo de o censurar, falando na patria e na honra militar!

Covardes! Bandidos!

Mas porque só agora uma câmara reaccionaria derrubou um governo que desde a sua apresentação lhe desagradava? Porque a burguesia não o quis fixar sem criar uma situação que se tornasse impossível á continuação da politica radical. Essa situação criou-a ella indispõendo sermimento a guarda com o proletariado da capital. Os pobres soldados, recrutados entre camponeses analfabets e miseraveis, não sabem ver na bomba e nas balas contra eles arremessadas, a mão do agente provocador. Na sua pobre cabeça de criança grande, fixa-se a ideia de que o inimigo é o paisano trabalhador. Que bela materia prima para aproveitar bem as theories que os officiaes e sargentos lhes fazem, (oh! o brío militar, a honra do soldado!). O momento, não podia, pois, ser mais oportuno.

Uma ordem expedida aos laçacos que servem a burguesia no Parlamento, e o governo estava em terra, num abrir e fechar de olhos!

Povo trabalhador! Precizas de mais alguma coisa para te demonstrar que urge tomares tu mesmo conta do poder?

Continarás, como até aqui, a seguir o radicalismo impotente?

A prova do intelligencia que acabas de dar neste periodo agudo de luta de classes que se iniciou em Lisboa, são garantia de que a semente lançada á terra pelo Partido Comunista germinou, cresceu e começa a dar os seus frutos.

Acabamos de assistir á queda do radicalismo burguez.

E agora! Por que esperamos?

Operarios, vamos, mãos á obra! Fortalecei com a vossa adesão o partido da classe operaria, o P. C. Organizei a vossa volta, nas fabricas e nas officinas, nos quartéis e nos navios de guerra, nucleos de camaradas deoididos a vender cara a pele que a reacção nos quer arrancar.

Cumpramos o nosso dever, colaborando na Grande Revolução libertadora do proletariado internacional e dos povos coloniais.

Com os olhos postos na Revolução Russa, honrando a mem. de Lénine, o nosso chefe, aprendei a conquistar o poder pela destruição do Estado burguez, aprendamos a conservar o poder pela instituição da ditadura do proletariado, até ao desaparecimento das classes.

Sejamos leninistas, e em pouco tempo a Republica dos Sovietes será um facto em Portugal!

Sobral, 12 de Fevereiro de 1925.

A. Miranda

## Manifesto comunista

Acaba de sair, em magnifica edição portugueza, o famoso *Manifesto Comunista*, de Carlos Marx e Frederico Engels.

Os nossos camaradas que desejem familiarizar-se com as doutrinas comunistas devem ler este elucidativo opusculo dos dois fundadores da Associação Internacional dos Trabalhadores que apesar de escrito ha 75 anos, conserva ainda toda a importancia e oportuidade.

P. C. de Ferreira Godinho, rua do Alentejo, do Marquez de Alegrete, 30, 2.º

# O voto proporcional

Entre as muitas praxos absurdas seguidas pela nossa organização sindical avulta a questão do voto que entre nós é por organismo — a cada organismo um voto — sem se ter em conta o numero de filiados em cada organismo.

Quais são os argumentos que se invocam para a adoção deste principio? 1.º — Estabelecido o voto proporcional, os sindicatos grandes esmagariam com os seus votos os pequenos sindicatos.

Em primeiro lugar deve haver sempre reciprocidade entre direitos e deveres. E' justo, dirá toda a gente, eis um bom principio democratico. Não se póde na verdade exigir deveres sem conceder direitos. Ora é o que atualmente se não verifica. Os sindicatos p... proporcionalmente ao numero de filiados.

... que está estabelecido quanto ao dev... Mas quanto ao direito o caso diverge inteiramente. Um sindicato com 2.000 membros terá um voto como um sindicato com 50 membros, apenas. E' isto legitimo? Via-se já coisa mais absurda e injusta? Se se exigem ao sindicato maior que pague mais, porque tem mais gente, porque se lhe não ha de reconhecer tambem o direito a ter mais votos, visto que 2.000 homens tem mais direitos a reclamar do que 50?

Um sindicato de 50 homens póde ter razão contra um sindicato de 2.000 — dir-se-ha. E' possível que este caso se tenha dado. Mas então, se queremos ser logicos, anulamos o principio das maiorias, principiio soberano em que se baseiam todas as decisões sindicais. Em qualquer assembleia um individuo só póde ter razão contra a sua maioria. E quem decide? Não é a maioria? Porque se não adota aqui o mesmo criterio? Porque se seria sobrepor o direito de um sobre o direito de 100, 500, 1.000. E' precisamente neste sistema de tirania que se cas quando se recusa o voto proporcional. Vemos, pois, que, querendo evitar-se o mal da tirania dos sindicatos grandes sobre os sindicatos pequenos, recaímos num mal maior, a tirania, de facto, dos sindicatos pequenos contra os sindicatos grandes. Que afinal no primeiro caso não haveria nunca tirania mas simplesmente o respeito pelo principio das maiorias.

Vejamos na pratica o absurdo do precepto estabelecido com o voto por sindicato. Damos a seguir o numero das federações de industria e sindicatos nacionais, filiados na C. E. T., com a sua respectiva população associativa, segundo os selos requisitados e pagamentos effectuados. São 13 esses organismos e dividi-los-hemos em dois grupos, 4 a um lado e os restantes a outro, vendo-se que os 4 primeiros organismos, com maior população, dispõem de menos de metade dos votos. Eis-los:

Federação Marítima.....	5.036
Federação da Const. Civil...	4.282
Federação dos Tanoeiros...	2.832
Federação dos Corticeiros...	2.335
<b>Total</b>	<b>14.484</b>

Vejamos o segundo grupo:

Federação de Couros e Peles...	1.033
Federação do Liv. e do Jora...	873
Federação dos Emp. no Com...	329
Federação Rural.....	1.652
Federação da Mobiliario.....	642
Federação Metalurgica...	1.539
Sindicato do Arsen. Marinha...	1.430
Sindicato do Arsen. Exercito...	2.133
Sindicato dos Chauffeurs.....	655
<b>Total</b>	<b>10.286</b>

Como se vé, este grupp com 10.286 sindicatos, dispõem de 9 votos; o outro, com 14.484, dispõe apenas de 4. Quer dizer, numa decisão a tomar, em caso de divergencia, os 4 organismos com 14.484 sindicados serão sempre implacavelmente esmagados pelos 10.286 sindicados dos outros 9 organismos. E' isto legitimo? Onde está aqui o respeito dos principios democraticos?

E' afinal a tirania dos pequenos sindicatos sobre os grandes que se arvora em sistema.

O assunto do voto proporcional é demasiado importante para ser tratado num simples artigo e a ele teremos de voltar.

## Biblioteca Comunista

Voltamos publicados  
Lenin: O Comunista e os Camponeses, 1450. — Palo corral, 1870.  
J. Carlos Bates: O papel das Comunas e a Questão Agraria, 1450. — Palo corral, 2430.  
Pedidos a Ferreira Godinho, rua do Arco

# O CAMINHO DO SOCIALISMO

Staline, o secretario do P. C. R., e um dos melhores interpretes do leninismo, pronunciou ha pouco em Moscovo um discurso de analise da situação russa do qual achamos interessante transcrever os pontos principais.

## Os nossos quatro aliados

Não se póde duvidar da importancia actual da questão camponesa. Por duas razões: a primeira é que de todos os aliados do proletariado russo e de poder dos Sovietes o camponez é o unico que pode neste momento prestar um concurso efectivo e eficaz á Revolução. Os nossos outros aliados ser- nos-hão muito uteis no futuro. Infelizmente, eles não podem neste momento prestar-nos nenhum auxilio directo.

Os nossos outros aliados são em numero de três. O proletariado dos países avançados é o primeiro, o mais seguro e importante dos nossos aliados. Nós gosamos do seu apoio moral que é inapreciavel mas indirecto e por isso insufficiente.

Os povos oprimidos das colonias constituem o nosso segundo aliado, a maior reserva da nossa Revolução. Mas eles despertam muito lentamente.

O outro aliado nosso é o imponderavel que não tem menos importancia. E' a discordia, as contradicções, os conflitos entre os paizes capitalistas. Se em 1917, não existisse a guerra entre dois grupos dos principais paizes da Europa, a Revolução Russa não teria provavelmente sobrevivido.

## O restabelecimento do capitalismo

Desde algum tempo o capitalismo mundial vem entrando em convalescencia. Os principais paizes victoriosos — Inglaterra e os Estados Unidos recobram uma força tal que lhes é possível de restabelecer não só a sua economia como auxiliar a de outros paizes como a França e a Alemanha. Assim os antagonismos entre os paizes capitalistas não se agravam agora tão rapidamente.

A medalha tem o seu reverso. Na estabilidade relativa de que goza o capital, os antagonismos entre os paizes chamados civilizados e exploradores e os paizes atrasados e explorados, colonias ou paizes dependentes, agravam-se, aprofundam, ameaçam interromper a obra da restauração burguesa. A crise do Egipto e do Sudão, as discordias na China, os conflitos no norte de Africa, todos estes acontecimentos nos recordam aqueles actos que precederam a guerra imperialista.

Taos são as vantagens e desvantagens do inimigo na situação actual. Neste momento as suas vantagens são maiores que as desvantagens e como nós não contamos com uma proxima guerra entre as grandes potencias capitalistas, é evidente que e nesse tercio aliado não virá em nosso auxilio tão cedo como nós o desejavamos.

## Resta-nos o camponez russo

Resta portanto o nosso quarto aliado — o camponez. Nós vivemos e trabalhamos com ele. Por ou melhor, é com ele que construímos a Sociedade Nova. Não é, evidentemente, um aliado tão seguro como o proletariado dos paizes capitalistas avançados. Mas é em todo o caso um aliado e o unico que nós encontramos aqui ao nosso lado. Por isso a questão dos camponeses, enquanto se não desenvolver a Revolução internacional, adquire entre nós uma importancia particular.

Por outro lado, a nossa industria, base do poder dos Sovietes e do nosso desenvolvimento socialista, apoia-se no mercado interior, no mercado camponez. Eu não sei como a questão se porá quando a nossa industria tiver atingido o apogeu do seu desenvolvimento, quando o mercado interior não for sufficiente, quando precisar de cuidar na conquista do mercado exterior. Não duvidamos desta possibilidade no futuro. E' provavel que pouco ou nada tenhamos a conquistar nos mercados do Occidente mas no Oriente as nossas possibilidades são mais favoraveis. Agora mesmo, a nossa situação é de excelente. Não duvidamos que os tecidos, as armas, as maquinas serão os principaes artigos que forneceremos ao Oriente em concorrência com os outros Estados capitalistas. E' uma questão do futuro.

Presentemente, nós não esgotamos ainda um terço das possibilidades do mercado camponez. O nosso primeiro cuidado deve ser, portanto, satisfazer o mercado interior, o mercado rural. Porque o camponez é incontestavelmente, o principal cliente d. nossa in-

dustria, eis porque, tambem, proletariado e governo sovietico, e que é o mesmo, são interessados em melhorar a situação da agricultura, em aumentar a produção de compra do cultivador, em beneficiar as relações entre proletarios e camponeses, em realizar a soldagem, de que nos falava Lenine e que não está ainda realizada, pelo menos como seria necessaria, por todo isto, o nosso Partido deve mostrar-se particularmente atento ás necessidades da agricultura e da população camponeza.

## Necessidade da critica

E' uma verdadeira infelicidade que muitos dos nossos camaradas não compreendam ainda a gravidade desta questão. Ha quem diga que os *leaders*, falando em Moscovo da questão camponeza, exageram um tanto. Ha quem pense que nós expressamos um fim de agitação para o estrangeiro e que se não pode continuar a antiga politica. Diplomacia? — diz-se. Outros dizem que se não fala senão dos camponeses e que melhor seria ir verificar com eles pagam o imposto. Eu creio, camaradas, que de todos os perigos que nos cercam presente e agente esta incompreensão do nosso mais urgente dever é o maior.

De duas uma. Ou os militantes locais comprehendem a importancia de instar com os camponeses a colaborar conosco, de esforçar-nos por melhorar a sua situação para tornar mais solida a aliança entre as duas classes — proletariado e camponeses — que mantem a Revolução, ou eles não comprehendem a importancia deste factor e o poder dos Sovietes ver-se-ha esmagado na sua propria existencia.

Eu não tenho a intenção de assustar ninguém. Trato com toda a seriedade uma questão que é enormemente séria. Os camaradas que vindo dos

campos chegam a Moscovo esforçam-se muitas vezes por demonstrar-nos que tudo entre os camponeses corre pelo melhor. O seu optimismo official obriga a causar nansas. E' certo, no entanto, que nem tudo corre bem, que ha erros e abusos que é preciso revelar sem temer a critica. Ou nós permitiremos aos camponeses e aos operarios sem partido que nos criticem ou eles far-nos-hão sofrer a critica insurreccional. E' preciso renunciar ao optimismo burocratico, deixando que os trabalhadores critiquem os erros para os podermos corrigir ou deixarmos acumular descontentamentos que se podem traduzir numa sublevação.

## O perigo trotskista

A questão camponeza é conexa ao trotskismo? Certamente que é. O trotskismo significa falta de confiança a falta de confiança nas forças da Revolução, a falta de fé na união dos operarios e dos camponeses. O nosso grande dever é transformar a Russia da Nep na Russia Socialista, como diz Lenine. Como conseguilo sem estreitar intimamente a aliança com os camponeses? E porque nos é indispensavel o apoio dos camponeses, e que não acredita Trotsky, para sair-nos victoriosos da Nep é preciso entrar o trotskismo como tendencia ideologica.

Nas vespas da nossa Revolução Lenine repetia muitas vezes que os mencheviques eram os nossos peores inimigos porque os esforçavam para nos fazer duvidar da victoria. Sem os esmagarmos — dizia ele — nós não venceremos. Eu julgo que ha uma certa analogia entre o menchevismo de 1917 e o trotskismo do periodo da Nep. Sem demolirmos o trotskismo não conseguiremos transformar a Russia da Nep na Russia Socialista!

J. Staline

## A produção agricola na Russia

Cada ano que decorre assinala progressos marcados no ressurgimento economico da Russia.

Em 1924 a área de superficies cultivada atingiu 90% da área de antes da guerra.

E' importante notar os progressos das culturas industriaes. A curva deste aumento é dada no seguinte quadro em hectares semeados:

1914	1923	1924	1925	1926	1927	1928	1929
1.952.000	1.800.000	1.952.000	2.000.000	2.000.000	2.000.000	2.000.000	2.000.000
650.000	500.000	650.000	650.000	650.000	650.000	650.000	650.000
285.000	280.000	285.000	285.000	285.000	285.000	285.000	285.000
40.000	40.000	40.000	40.000	40.000	40.000	40.000	40.000
130.000	130.000	130.000	130.000	130.000	130.000	130.000	130.000
1.952.000	1.800.000	1.952.000	2.000.000	2.000.000	2.000.000	2.000.000	2.000.000
650.000	500.000	650.000	650.000	650.000	650.000	650.000	650.000
285.000	280.000	285.000	285.000	285.000	285.000	285.000	285.000
40.000	40.000	40.000	40.000	40.000	40.000	40.000	40.000
130.000	130.000	130.000	130.000	130.000	130.000	130.000	130.000

E' notavel tambem o aumento anual da massa pecuaria:

1914	1923	1924	1925	1926	1927	1928	1929
23.000.000	19.000.000	23.000.000	23.000.000	23.000.000	23.000.000	23.000.000	23.000.000
45.000.000	30.000.000	45.000.000	45.000.000	45.000.000	45.000.000	45.000.000	45.000.000
85.000.000	56.000.000	85.000.000	85.000.000	85.000.000	85.000.000	85.000.000	85.000.000
17.000.000	9.000.000	17.000.000	17.000.000	17.000.000	17.000.000	17.000.000	17.000.000
28.000.000	19.000.000	28.000.000	28.000.000	28.000.000	28.000.000	28.000.000	28.000.000
50.000.000	30.000.000	50.000.000	50.000.000	50.000.000	50.000.000	50.000.000	50.000.000
82.000.000	56.000.000	82.000.000	82.000.000	82.000.000	82.000.000	82.000.000	82.000.000
19.000.000	9.000.000	19.000.000	19.000.000	19.000.000	19.000.000	19.000.000	19.000.000

Não ha, pois, duvida de que a Russia se restabelece rapidamente.

Lenine tinha dito num dos seus discursos: — E' preciso mostrar ao camponez que ele não pode viver á maneira antiga. E ele vai hoje comprehendendo isso mesmo. Numerosas fabricas metalurgicas russas estão hoje ocupadas em fabricar tractores agricolas e outros instrumentos de trabalho. As pequenas explorações agrarias em cooperativas para a cultura colectiva e introduzem a maquinaria.

E' a Russia rotineira e atrasada que se vai embora para surgir, uma Russia nova.

## O Parlamento é ou não uma arma?

Na Europa occidental o Parlamento tornou-se particularmente odioso á vanguarda revolucionaria do proletariado. E' inteiramente comprehensivel este sentimento porque é difficil conceber coisa mais vil e mais baixa que a conduta dos deputados socialistas durante e depois da guerra.

No entanto não é sómente irrazoavel mas criminoso, mesmo, deixarmos abandonar certos meios de luta que se nos proporcionam.

Naturalmente, sem o sentimento revolucionario não ha possibilidade de actos revolucionarios. Mas nós, na Russia, esgotos a uma longa e sangrenta experiencia, convencemo-nos ha muito de que, só com o sentimento revolucionario, é impossivel seguir uma tactica revolucionaria. A tactica deve ser trapeada a sangue, tendo em conta as forças do Estado em questão, dos Estados que o rodeiam, assim como da experiencia de todos os movimentos revolucionarios. Manifestar o espirito revolucionario por injurias dirigidas ao oportunismo parlamentar, condemnando a participação nos parlamentos, é extremamente facil mas, porque é facil, é que tal attitude não constitui uma solução para problema tão difficil e complexo.

Tentar tornar esta difficuldade saltando a péz juntos sobre o problema difficil de utilizar os parlamentos reaccionarios para fins revolucionarios é uma infantabilidade. Como? Vós queis criar uma sociedade nova e recuais diante da difficuldade de criar uma boa fracção parlamentar de comunistas convencidos, heroicos, dedicados, num Parlamento reaccionario?

Lenine

(De La maladie infantile du communisme).

# RECORDAÇÕES DE LENINE

Lenine e o agente provocador. — Recordo-me dos mais dias em que chego a Poronnie, Rmão Malinovsky, leader bolchevique na Douma, que era afinal um agente provocador ao serviço da policia, como se acabou por descobrir.

Eu dormia num pequeno quarto, em cima, dormi mal, um sono cheio de sobresaltos. E havia realmente bastante motivo para nos inquietarmos. O leader do nosso Partido na Douma era afinal um agente provocador!

Eu ficava distintamente, em baixo, os passos de Lenine. Não se deixara. Saiu para o terrago, fez chá, um chá muito forte e negro, que tomou muitas vezes. Depois... prosseguiu a vigilia... vai... vem... Assim passou a noite. Por vezes, a minha cabeça fatigada se deixa envolver num somnolento. Mas logo que tomo consciencia de mim mesmo, volto a ouvir os passos de Lenine.

De manhã, saio do meu pequeno quarto. Lenine está já arranjado com um certo cuidado, mas diria-lhe as olheiras profundas no rosto de doente. Todavia, coisa estranha, ri alegremente, com os seus gestos costumados e seguros. — Então, dormiste bem? — perguntou-me. Eu tenho um sorriso para responder. Ele responde: — Assim, assim. Queres chá? Queres pão? Vamos dar uma volta?

E dizia isto, com um á vontade e uma tranquillidade, como se nada de anormal se tivesse passado.

Lenine havia revestido a couraça de ferro da sua vontade inabalavel. Quem ousaria quebrá-la?

Brest-Litovsk. — Os dias de Brest-Litovsk (negociações da paz entre a Alemanha e a Russia em 1917) reencontro na minha memoria. Nós, os amarellos, os esquerdistas, havíamos cometido uma falta grave, impedindo a conclusão da paz imediata. E obstinávamo-nos cegamente.

E eis que na sessão decisiva do Comité Central, Lenine faz a sua irrupção no sala. Podia-se compará-lo a um leão que os caçadores conseguiram cercar e encerrar na jaula. Ele perorou a sala, o semblante asperamente carregado, no qual todos os musculos se contraíam e retesavam. De repente:

— Eu não o tolerarei por mais um segundo. Tem-se brincado de mais. Nem mais um segundo.

Este seu nem mais um segundo era articulado com uma especie de assobio do furor, passando por entre os dentes cerrados uns contra os outros. Isto significava em Lenine uma vontade feoz. A seguir disse um ultimatum. E' preciso assinar a paz. A decisão anterior cessou neste momento.

E na verdade, tomos do reconhecimento, foi a sua attitude, a um tempo energica e clarividente, que salvou a Revolução de terriveis inimigos, que acabou com as frases e as poses revolucionarias que não teriam outra consequencia senão entregar a jovem republica operaria aos carrascos alemães.

De pernas ao ar. — Denikine, Koltchak, a fome... As fronteiras do Estado sovietico estavam reduzidas ao limite extrimo. No interior completo, sempre completo por toda a parte. Lenine calcula, calmamente. Ele vé a derrota possivel. E ele serve-se em ar de chaqueta da frase De pernas ao ar. Todavia, ele faz tomar medidas para o trabalho clandestino. E não ha a menor duvida, em caso de derrota, ele é um homem perdido.

De pernas ao ar, digo-vos eu — repetis etc.

Mas dá a pouco era preciso ir até ás filiaes do Partido e uma invençavel energia retinha asperamente na sua voz: — Os esmecedores do panico ao pelourinho!

E cada um de nós sentia que devíamos vencer.

Boukharine

## Miguel Frounzé

Miguel Frounzé, o novo Comissario do Povo para a Guerra e Marinha da U. R. S. S. é um velho militante bolchevique que sofreu condemnacão á morte e que esteve na Siberia donde conseguiu evadir-se.

General, comandante do exercito, em 1919, commando as tropas enviadas contra Koltchak a quem infligiu uma tremenda derrota com um magnifico ataque de flanco.

Foi ele tambem quem dirigiu as operações contra Wrangel, expulsando-o da Crimeia.

Combates tambem no Turkestan e na Ucrania, sendo ferido duas vezes e por isso condecorado com a ordem da Bandeira Vermelha.